

SIMPÓSIO GRAMÁTICA DISCURSO E CONTRUÇÕES SOCIOSSEMIÓTICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA- ATA 040

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES HEROICAS: UM OLHAR CRÍTICO A PARTIR DO SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

NEVES, Risalva Bernardino
Universidade de Brasília (UnB)
risalvabernardino@hotmail.com

Resumo: Este estudo tem por objetivo analisar, em textos midiáticos, representações sobre dois pilotos (mulher e homem) em evento semelhante, isto é, pousos de emergência que ocorreram em 2009 e 2018, nos Estados Unidos. O fenômeno é investigado por meio das lentes da Análise de Discurso Crítica - ADC (Fairclough, 2003, 2010), aliada à Linguística Sistêmico-Funcional - LSF (Halliday, 1994; Halliday & Matthiessen, 2004; Eggins, 2002), atravessado naturalmente por questões de gênero e poder. Na gramática da experiência, representada na LSF pelo Sistema de Transitividade, os processos “do dizer” têm especial importância em textos jornalísticos, na medida em que, projetando, trazem vozes de outros atores, as quais podem (des)legitimar discursos e (des/re)construir identidades sociais. Os resultados preliminares apontam para construções heroicas dos atores, todavia em gradações bem diferentes quando observamos o gênero.

Palavras-chave: Representações; Identidades; Análise de Discurso Crítica; Linguística Sistêmico-Funcional; Gênero social.

Abstract: This study aims to analyze, in media texts, representations of two pilots (a woman and a man) in a similar event, that is, emergency landings that occurred in 2009 and 2018, in the United States. The phenomenon is investigated through the lens of the Critical Discourse Analysis - ADC (Fairclough, 2003, 2010), allied to the Systemic-Functional Linguistics - LSF (Halliday, 1994; Halliday & Matthiessen, 2004; Eggins, 2002) related to issues of gender and power. In the grammar of experience, represented in the LSF by the Transitivity System, the processes of "saying" are especially important in journalistic texts, insofar as, projecting, they bring voices of other actors, which can legitimize discourses and des/re/construct social identities. The preliminary results point to heroic constructions of the actors, however in very different gradations when we observe the genre.

keywords: Representation; Identities; Critical Discourse Analysis; Systemic-Functional Linguistics; Social gender.

Introdução

A mídia exerce significativa influência na vida moderna, de maneira especial, os portais de notícias e as redes sociais. Dessa forma, torna-se relevante analisar o que é veiculado, uma vez que os discursos aí presentes

têm potencial para formar opiniões, (des)construir identidades, (des)legitimar crenças e ideologias. Este estudo tem por objetivo analisar representações de pessoas de diferentes gêneros em situação análoga de protagonismo. Trata-se de pousos de emergência, nos quais dois pilotos, um homem e uma mulher, tiveram que tomar decisões e agir com rapidez a fim de evitar a queda de suas respectivas aeronaves. Como são eventos bem parecidos, interessa-me investigar se os textos *on-line* representam da mesma forma, utilizando os mesmos recursos linguístico-discursivos.

O arcabouço teórico-metodológico aqui utilizado é o da ADC (FAIRCLOUGH, 2003, 2010), da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004; EGGINS, 2002).

1. Discursos em seus aspectos macro e micro: bases teórico-metodológicas

A citação de Perrot (2005) “no início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem” leva-nos, à primeira vista, a pensar no “verbo”, tomado aqui analogamente como “discurso”, na acepção faircloughiana, e seu lugar de destaque na sociedade. Discurso é tanto algo mais abstrato, isto é, um dos momentos que integram as práticas sociais (Discurso), mas também uma forma de representarmos nossas crenças sobre as coisas do mundo (discursos). Relacionar o verbo (discurso) com Deus (e Deus com o homem), na visão de Perrot, significa reconhecer que o homem (e não a mulher) tem (sempre teve) o privilégio da produção e controle dos discursos. Significa que as mulheres foram silenciadas, que suas vozes foram sufocadas mesmo quando elas tentaram gritar. Filósofos, literatos, estudiosos, pensadores desde eras mais remotas ocuparam-se em ressaltar fraquezas femininas e propagar uma suposta inferioridade (PERROT, 2005; BEAUVOIR, 1970).

Acontece que, ainda hoje, os homens detêm boa parte dos capitais simbólicos (BOURDIEU, 2002). Dessa forma, eles ainda controlam as narrativas e se beneficiam delas. Quando os meios de comunicação representam homens e mulheres de maneira particular, eles contribuem para a

disseminação de discursos que têm potencial para questionar relações de poder desiguais ou para mantê-las, o que vai ao encontro ao pensamento de Fairclough (2003, 2010), para quem discursos são formas de ação, de representação e de identificação, mas, sobretudo, condutores potenciais de ideologias¹.

Vale ressaltar que os textos são as vias pelas quais os discursos são materializados. Nesse sentido, faz sentido partir de textos (materiais empíricos para a ADC) para analisar as representações ali presentes e as questões que perpassam tais representações. O enlace entre a ADC² e a LSF³ provê uma compreensão mais eficiente das questões estudadas, uma vez que as duas ciências proporcionam um ferramental para dar conta do estudo dos discursos em seus níveis macro e micro. Nesse sentido, importa destacar que o Sistema de Transitividade é profícuo uma vez que dá conta de analisar a experiência humana em sua dimensão mais especificamente linguística (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004)⁴.

2. Os textos em questão

O *corpus* deste estudo é composto por seis textos veiculado em mídia on-line, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Títulos das matérias

O piloto	A piloto
Nova York faz festa para piloto que pousou avião em rio (Texto 1) ⁵	A piloto de nervos de aço que salvou um voo nos EUA vira heroína (Texto 1A) ⁶

¹ Conceituar ideologia é uma tarefa complexa. Vários autores já se debruçaram sobre esse tema e apresentaram concepções diversas. Cabe, aqui, explicitar que adotamos o conceito de Thompson (1995). Trata-se de um conceito “negativo e que diz respeito a um conjunto de práticas discursivas que servem para assegurar, manter e legitimar relações assimétricas de poder, quer dizer, dominar grupos desprivilegiados, subjugando-os”, nas palavras de Neves (2013).

² Sugere-se ver Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough (2003, 2010), Resende e Ramalho (2006), Ramalho e Resende (2011) sobre a ADC.

³ Para aprofundar os conceitos da LSF, ver Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004), Eggins (2002), Silva (2013), Fuzer e Cabral (2014).

⁴ O sistema de transitividade representa as ações humanas (e não humanas), por meio de processos; seus participantes (nomes) e as circunstâncias em que ocorrem (FUZER & CABRAL, 2014).

⁵ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/18/internacional/1524084383_405761.html

Bush elogia “perícia” de piloto que pousou avião em rio de NY (Texto 2) ⁷	Passageiros descrevem 22 minutos de pânico em voo no qual mulher morreu ao ser sugada nos EUA (Texto 2A) ⁸
Especialista afirma que piloto do Airbus fez pouso genial (Texto 3) ⁹	Piloto de voo da Southwest é considerada heroína por pouso de emergência (Texto 3A) ¹⁰

Fonte: elaborado pela autora

As três manchetes dos textos 1, 2 e 3 focam o piloto e afirmam a ideia da genialidade e perícia deste por meio de *processos verbais*¹¹ (*elogia, afirma*) cujos dizentes são uma autoridade técnica (*especialista*) e o presidente dos EUA (*Bush*). Ressalte-se que tais processos carregam marcas de avaliatividade. *Elogiar* e *afirmar* indicam uma gradação, isto é, constroem o conteúdo da fala, isto é, a *verbiagem*¹² (*relato*, nesse caso) de forma diferente de “dizer”, por exemplo. Ademais, o piloto é representado como agente de processo do mundo material na projeção de afirmar (*fez pouso genial* -Texto 3) e na sequência atributiva no Texto 2 (*pousou avião em rio de NY*). No texto 1, o piloto é o beneficiário da ação da cidade de *Nova York* (ator coletivo) do processo material “fazer” (festa), o que revela uma generalização a qual constrói a imagem do herói aclamado. Os títulos são construídos com vocábulos positivos, todos eles em referência ao piloto. Não resta dúvida do feito heroico realizado e da autoria do piloto-herói.

⁶ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/passageiros-descrevem-22-minutos-de-panico-em-voo-no-qual-mulher-morreu-ao-ser-sugada-nos-eua.ghtml>

⁷ <https://veja.abril.com.br/mundo/piloto-de-voo-da-southwest-e-considerada-heroína-por-pouso-de-emergencia/>

⁸ <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estados-unidos/nova-york-faz-festa-para-piloto-que-pousou-aviao-em-rio.c5084ae26b6ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

⁹ <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL958055-5602,00-BUSH+ELOGIA+PERICIA+DE+PILOTO+QUE+POUSOU+AVIAO+EM+RIO+EM+NOVA+YOR K.html>

¹⁰ <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estados-unidos/especialista-afirma-que-piloto-do-airbus-fez-pouso-genial.52084ae26b6ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

¹¹ Halliday (1994) e Halliday e Mathiessen (2004) propõem a existência de seis tipos de processos para representar a experiência humana: materiais, verbais, mentais, relacionais, comportamentais e existenciais. Os verbais são os que representam o “dizer”, isto é, indicam o conteúdo da fala.

¹² Verbiagem é um dos participantes das orações verbais, é o dito; relato é uma síntese da fala de um dizente a partir do entendimento do autor do texto, geralmente é uma oração introduzida pelas conjunções (*que* e *se*) ou uma oração finita; citação é a fala *ipsis litteris*, geralmente introduzida por aspas (FUZER & CABRAL, 2014).

Em relação à piloto, as manchetes utilizam *processos relacionais*¹³ para representar a piloto como heroína nos textos 1-A e 3-A. Importa frisar que tais características não são atribuídas por vozes externas de autoridades, como ocorre nos textos referentes ao piloto. Isso é feito por meio da voz do jornal, mais especificamente do autor do texto.

Outra observação relevante é que há diferença entre dizer que “Tamie Shults é uma heroína” e dizer que ela “vira heroína” (Texto 1-A) e que ela “é considerada heroína” (Texto 3-A). No primeiro exemplo, o processo *virar* indica, de acordo com a gramática tradicional, uma mudança de estado. Nessa perspectiva, *heroína* é um atributo com o qual o jornal representa a piloto. No segundo exemplo, o uso da estrutura passiva parece mais pôr em xeque o heroísmo que sugeri-lo, o que é reforçado pela ausência do ator (“é considerada heroína” por quem? quem a considera heroína?).

Ainda em relação aos processos *verbais*, pôde-se perceber uma discrepância na incidência dos processos do dizer. Eles figuram de forma diversificada nos textos 1, 2 e 3, enquanto que em 1-A, 2-A e 3-A resumem-se a dizer, elogiar e escrever. Não se trata de quantidade, mas diversidade. Isso tem potencial para reforçar as ideias ali presentes, uma vez que as falas são apresentadas sob diferentes gradações.

Nos textos acerca do pouso no rio Hudson, são trazidas muitas vozes externas, todas elas alinhadas ao discurso positivo sobre Sullenberger. São utilizados processos como “classificaram/classificou” (o pouso como genial), típico da ordem de autoridades técnicas, ou como “elogiou”, que carrega uma avaliação positiva. Em relação ao pouso de Tamie Shults, predominam processos verbais de caráter neutro (“disse/disseram”, “escreveu” e “relataram”), mas também figurou um (único) que denota avaliação positiva da piloto (“elogiaram”).

As falas presentes nos três Textos 1, 2 e 3 aparecem como um coro: são muitos elogios ao trabalho de Sullenberger oriundos de especialistas, autoridades e passageiros.

¹³ Os processos relacionais, de acordo com Halliday (1994) e Halliday e Mathiessen (2004), são os do *ser*, servem para identificar e caracterizar os participantes.

O rigor com o preparo técnico e psicológico do piloto é ressaltado nas falas (“Ele parecia absolutamente impecável... Ele parecia sereno”, “aquele piloto é uma rocha”– Texto 1), bem como o cuidado com os passageiros (“enquanto o avião afundava no rio, Sullenberger percorreu o corredor duas vezes para garantir que ninguém havia sido deixado para trás” – Texto 1). O heroísmo é mencionado pelos diversos dizentes, reforçado e corroborado pela voz do jornal (“O piloto, capitão CB ‘Sully’ Sullenberger, se transformou em um herói aclamado, primeiro por todos os passageiros e depois por todos os que analisaram o acidente” (Texto 2).

Em relação às falas dos textos 1-A, 2-A e 3-A, pôde-se perceber que os passageiros tiveram especial realce e os temas principais foram os contratempos do voo e os elogios à piloto. É relevante destacar um trecho no qual a voz do jornal no texto 1-A “explica” uma característica da piloto: “O sangue-frio de Shults [...] tem uma explicação”. O jornal informa que ela foi piloto de combate e se destacou como instrutora de voo e como piloto. Destacar atributos positivos pode ser interpretado como um elogio. Todavia, se pensarmos no motivo pelo qual o jornal “precisa explicar” o sangue-frio da piloto, podemos inferir que se trata de um atributo considerado não natural para mulheres. Ora, em um contexto no qual mulheres são repetidamente taxadas de desequilibradas, uma delas demonstrar ter controle emocional em um momento crucial torna-se algo que precisa ser explicado, segundo essa lógica. Shults tinha o controle de várias vidas e suas mãos, essa posição de destaque, isto é, esse poder não é considerado natural e legítimo pela sociedade que tem ainda muito arraigados os valores patriarcais.

Conforme Beard (2018), lembra que “até onde podemos recuar na história ocidental, há uma separação radical – real, cultural e imaginária – entre as mulheres e o poder”, quando isso ocorre, parece que a sociedade precisa ter uma explicação convincente. Talvez por esse motivo, nos textos analisados sobre o piloto, não haja essa “explicação”. O Texto 1, traz a informação de que ele é ex-piloto da Força Aérea dos EUA, mas não para explicar por que ele demonstrou controle emocional.

Em relação ao discurso relatado, Fairclough (2003) assinala que se atribui o conteúdo da fala às pessoas que disseram, escreveram ou pensaram o texto original. Porém, como se trata de uma paráfrase, o conteúdo original pode ser modificado uma vez que elementos de outros textos podem também ser incorporados (ou intensificados) sem atribuição alguma. Nessa trilha, é interessante observar como os textos 1, 2 e 3 se apropriam da verbiagem e a incorporam em seu próprio discurso, fundindo-o num só (“A equipe que resgatou a aeronave falou em ‘milagre’”) O heroísmo é, dessa forma, não só anunciado, mas também propagado e legitimado.

Em relação aos textos 1-A, 2-A e 3-A, predomina o discurso direto. A piloto é representada como heroína nas citações dos dizentes. No texto 2-A, o jornal ressalta o heroísmo da piloto, mas também foca os passageiros e realça o heroísmo de um deles: o fazendeiro Tim McGinty, que “arrancou sua máscara e lutou para puxar a mulher para dentro” (da aeronave).

Por meio da análise de outros processos mentais, vimos que apareceram somente nos textos sobre Sullenberger. A inexistência de processos mentais em referência à piloto tem potencial para corroborar a crença estereotipada de que o pensamento racional e elaborado é exclusividade dos homens.

Considerações finais

Ao focar o sistema de transitividade, foi possível constatar que o quão profícuos foram os processos verbais, as verbiagens e os dizentes na construção das identidades heroicas com matizes diferentes. Foram relevantes também os relacionais, que prototipicamente estão relacionados ao ser, às identidades. Dessa forma, a identidade do herói é construída também mediante o uso de atributos do campo lexical profissional, enquanto para construir a identidade da heroína, ser mulher é realçado em vez de ser profissional. Utiliza-se, portanto, o discurso da exceção, o qual ao mesmo tempo em que alça a piloto ao *status* de heroína, tem potencial para depreciar as demais mulheres. Dessa forma, o discurso dos jornais fomenta a construção de uma identidade

feminina mais como “mulher excepcional”, que uma piloto competente, na medida em que não utiliza atributos do campo lexical técnico.

Os discursos sobre o piloto o representaram, indubitavelmente, como herói consagrado e aclamado. Seu feito histórico resultou em livros e um filme, o qual foi estrelado pelo respeitadíssimo ator Tom Hanks. De maneira mais discreta, a identidade heroica da piloto também é construída. Ela é considerada heroína, é elogiada e comparada a Sullenberger, em proporções menores.

Por fim, “desvelar é preciso”, reescrever tais representações também é preciso, pois, como sugere Beauvoir (1970, p. 22), “se quisermos ver com clareza devemos sair desses trilhos; precisamos recusar as noções vagas de superioridade, inferioridade, igualdade que desvirtuam todas as discussões e reiniciar do começo”.

Referências

- BEARD, M. **Mulheres e poder**: um manifesto. Trad. Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo I**: fatos e mitos. Trad. M. Sérgio, 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CHOULIARAKI, L., FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburg University Press, 1999.
- EGGINS, S. **Introducción a la lingüística sistémica**. Trad. F. Alcántara, Trad. Logroño: Universidad de La Rioja, 2002.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis**. The critical study of language. 2 ed. London and New York: Routledge, 2010.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.
- HALLIDAY, M. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M., MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. London: Edward Arnold, 2004.
- NEVES, R. B. **Discursos sobre mobilização grevista de professores/as em Brasília: "prejuízo para todos?"** Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad V. Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2004.

RAMALHO V. & RESENDE V. M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 2011.

RESENDE V. M. & RAMALHO V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, D. E. G. **Discurso do ecologismo e ecologia humana**: caminhos entre etnografia crítica e ecolinguística. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 14 (1), 65-88, 2013.